

Blog do Prêmio Sergio Motta de Arte e Tecnologia

- [Equipe](#)

Canal noticioso/expositivo. Editado por Nina Gazire. Banner by André Vallias.

A música de Flo Menezes

Maio 09th, 2008 | Categoria: [arte&tecnologia](#), [premiados](#), [música](#), [entrevistas](#)



Flo Menezes talvez seja hoje um dos compositores brasileiros de maior projeção no cenário internacional da produção eletroacústica. Sua produção é densa e consistente e sua música tem forte influência do pensamento germânico, em especial da música de Stockhausen, com quem mantém certa proximidade. No Brasil, tem tido um importante papel na formação de uma nova geração de compositores, como professor de composição na Unesp, e na divulgação da música eletroacústica, com a realização de concertos, das Bienais de Música Eletroacústica, de competições de composição e na produção de arquivos sobre música eletroacústica. Por sua composição eletroacústica *Coiores (Phila: In Praesentia)* foi um dos vencedores da 3ª edição do Prêmio Sergio Motta de Arte e Tecnologia. Agora o artista lança novo [site](#) e em uma breve entrevista, Flo nos fala sobre a carreira e os rumos da Música Eletroacústica no Brasil:

A sua obra possui forte influência da música eletrônica germânica por uma série de motivos. Apesar disso, você acha que existe algum elemento da música brasileira? Como esse processo se dá na música eletroacústica ?

Minha obra não tem qualquer relação com a “brasileidade” e não há nela elementos brasileiros. Somos frutos de nossos meios, e evidentemente podem-se entrever traços em minha música da atmosfera cosmopolita típica de São Paulo, mas identificar nela elementos tipicamente “brasileiros” não seria apenas forçado, como totalmente descabido. Coloco-me na linha de frente da música especulativa, de cunha internacional, até mesmo cosmológico. Sou contrário às doutrinas nacionalistas, enclausuradas em

suas fronteiras, e tenho convicção que o criador deva procurar elaborar obras de alcance internacional, a serem atingidas pelos seres mais diversos do planeta, nos lugares mais distintos. As novas tecnologias, nesse sentido, auxiliam em muito o criador contemporâneo na busca desse ideal trans-versal (ao invés de uni-versal). É somente por tal viés que uma arte realizada no Brasil poderá alcançar patamares de excelência e encarar a produção mundo afora em pé de igualdade.

Como a tecnologia atual modificou a a música eletroacústica de hoje? Na sua opinião o que seria a música de vanguarda nos dias de hoje?

A composição musical da atualidade prima pela investigação dos sons com recursos tecnológicos. Mesmo se ela utilizar os instrumentos musicais da tradição, sua perspectiva mais audaciosa e instigante residirá inelutavelmente na interação desses “velhos” recursos instrumentais com as novas tecnologias, entrelaçando os níveis de articulação da linguagem musical em diversas dimensões: do gesto instrumental ao desdobramento interior e exterior dos sons, tanto no nível espectral quanto no da propagação dos sons no espaço totalizante de escuta. Os recursos tecnológicos multiplicam e estendem a escritura instrumental. Mas ao lado desses aspectos muito promissores e apaixonantes da interatividade, há também de se considerar uma possível e desejável autonomia das elaborações “puramente” eletroacústicas, dentro do que se convencionou denominar por “música acusmática”, ou seja, obras que são inteiramente concebidas em estúdio eletrônico e que são difundidas exclusivamente por um arsenal tecnológico (alto-falantes e periféricos) que independe da ação instrumental ou da presença do músico instrumentista no sentido tradicional do termo. A música de vanguarda caracteriza-se mormente por tal perspectiva: mergulhar fundo na especulação sonora e espacial que nos oferecem os recursos tecnológicos mais avançados da informática musical.

Em 1999 e 2001, a convite de [Stockhausen](#), você integrou o corpo docente do Stockhausen-Kurs em Kürten, Alemanha. Como foi essa experiência?

Minha identificação com a obra de Stockhausen se dá desde minha adolescência, quando sua obra constituiu um dos primeiros estímulos para que eu começasse a aprender alemão, então em meus 13 anos de idade, visando a um posterior estudo na Alemanha da música eletrônica (em sua acepção historicamente correta, relacionada com a música eletroacústica alemã, e que nada tem que ver com o que se designa, na música de mercado, por “música eletrônica”, num total desconhecimento musical). Mas pessoalmente fui ter contato com Stockhausen apenas em 1992. Em 1998, quando ministrei um denso curso de análise de suas obras de três meses no [Studio PANaroma](#) em São Paulo, Stockhausen quis ver o prospecto de minhas análises, e após ter recebido todo o material por correio, convidou-me imediatamente a ministrar o mesmo curso na Alemanha, em seus Cursos Internacionais. O fato de seus cursos coincidirem com datas bastante ativas em música contemporânea em São Paulo dificultou minha permanência como docente de todas as edições de seus cursos. Tive de denegar o convite em 2000 e estive lá como professor em 1999 e 2001. A partir de 2002, decidi não mais fazer parte dos mesmos, contrariando a expectativa de Stockhausen, que desejava a continuação de minhas atividades didáticas por lá. Fui sucedido então por um grande musicólogo, Ricard Toop, e continuei, claro, bastante próximo de Stockhausen e de sua obra. Na última missiva, perto de sua morte, mencionei a ele que desejava que sua energia inesgotável não tivesse fim, ao que me respondeu de modo muito agradecido. Parece que eu estava intuindo que essa incrível energia estava para se esgotar. De uma hora para outra, Stockhausen se foi. Na manhã em que faleceu, foi à cozinha tomar café e falou: “Hoje se iniciará uma nova etapa”. Ao invés de sentar-se para tomar seu café, retornou a seu quarto, e lá faleceu minutos depois. Devia estar pressentido que retornaria a Sirius ainda naquela manhã... Stockhausen era uma personalidade complexa e interessante. Muitas vezes, extremamente difícil de lidar. Presenciei várias situações delicadas em ensaios e situações similares, nas quais se indispunha com outras pessoas. Comigo, entretanto, Stockhausen demonstrava não somente grande respeito, mas também enorme apreço. Talvez minha

forma direta e transparente de me colocar o tenha impressionado. Quando me ausentei dos cursos em 2000, enviou-me uma carta tecendo elogios a mim, dizendo que sentiu muito minha falta nos cursos. Algo bastante raro, partindo de Stockhausen, que costumava elogiar apenas seu próprio trabalho. Honro-me por ter tido um contato tão estreito e reciprocamente respeitoso com esse verdadeiro gigante da história da música.

O Studio PANaroma, fundado por você, busca ser um espaço para a música de vanguarda no Brasil. Como é o funcionamento do estúdio? Qual é o panorama atual da música eletroacústica no Brasil e no mundo?

Uma breve navegada em meu site, www.flomenezes.mus.br, pode dar uma idéia da importância e intensidade das atividades do Studio PANaroma. Trata-se de um verdadeiro celeiro da música eletroacústica, reconhecido e apontado mundo afora como a principal escola de composição eletroacústica em atividade na América Latina. As atividades de composição e pesquisa do PANaroma estão cada vez mais intensas. Diversos alunos passam a se dedicar plenamente à música de vanguarda após passarem por lá. Alguns deles já obtiveram importantes premiações internacionais, fincando a música eletroacústica brasileira em solo internacional, se é que podemos falar de uma música eletroacústica “brasileira”. Com relação às tendências mundiais, muitas são as propostas e diversas são as correntes da composição eletroacústica. Pessoalmente, tenho grande apreço pela produção britânica na área. Uma música ao mesmo tempo gestual e bastante responsável no que diz respeito às questões mais cruciais da composição, independentemente dos meios com os quais ela é feita: preocupação com a forma, com o desenvolvimento dos materiais, com a conexão orgânica entre idéias musicais diferenciadas.

A música eletroacústica não é uma música de fácil fruição para um ouvinte não acostumado. Como você acha que uma pessoa “leiga” pode iniciar uma aproximação com a música eletroacústica?

Estando aberta ao Novo e se predispondo a descobrir. Sem tal predisposição prévia, nenhuma pessoa poderá apreciar não somente a música eletroacústica, como também qualquer arte das vanguardas, qualquer obra que seja especulativa, inovadora, inusitada. Mas em geral tende-se a subestimar a capacidade das pessoas diante do Novo. Mesmo o mais injustiçado dos seres humanos pode ser capaz de apreciar algo mais elaborado. Diante de algo bem feito, uma pessoa sensível se rende, deixa-se penetrar pelas novas propostas, permite que a experiência nova lhe diga alguma coisa. Freud bem dizia: “Somente a novidade pode constituir a condição do prazer”.

Maio 08th, 2008 | Categoria: [arte&tecnologia](#), [estéticas tecnológicas](#), [mundo geek](#), [Second Life](#)